



**UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**

CURSO DE PEDAGOGIA

Evelyn Lupetti Barros Zanni
Fabiana Baratella Duha
Fatima Aparecida Leal Beghini
Leandra Franco Nunes Rosa
Sandra Regina Da Silva Belli

**A FORMAÇÃO DE LEITORES NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL - ESTIMULANDO O PRAZER DE LER**

SANTOS
2009



**UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**

CURSO DE PEDAGOGIA

Evelyn Lupetti Barros Zanni
Fabiana Baratella Duha
Fatima Aparecida Leal Beghini
Leandra Franco Nunes Rosa
Sandra Regina Da Silva Belli

**A FORMAÇÃO DE LEITORES NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL - ESTIMULANDO O PRAZER DE LER**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação e
Ciências Humanas UNIMES, como parte
dos requisitos para obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia, sob a
orientação da Prof.^ªGiselle Agazzi

Santos
2009



Evelyn Lupetti Barros Zanni
Fabiana Baratella Duha
Fatima Aparecida Leal Beghini
Leandra Franco Nunes Rosa
Sandra Regina Da Silva Belli

A FORMAÇÃO DE LEITORES NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - ESTIMULANDO O PRAZER DE LER

BANCA EXAMINADORA

(Nome, titulação e assinatura dos componentes da banca examinadora e Instituições a que pertencem).

Orientador

Professor convidado

Professor suplente

Santos, de de 2009.



AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus,
Aos nossos familiares,
Aos nossos mestres.

RESUMO

A importância da leitura é destaque deste estudo, com ênfase para alunos do ensino fundamental. Afirma-se aqui que o hábito de ler é fundamental para que os jovens consigam, verdadeiramente, estudar. Ainda, que é fundamental a busca e análise dos meios disponíveis para estimular o hábito de ler e afastar os obstáculos mais comuns contra ele. Aborda-se, de maneira sistematizada, a importância de ler segundo diversos autores como: Luzia de Maria, Paulo Freire, Rubem Alves e outros, para explicar o que significa saber ler. Outros autores servem de apoio para os tópicos desta pesquisa, levando-nos a concluir que é indispensável acrescentar aos meios formais da educação no Brasil o encantamento da literatura para que as nossas crianças sejam capturadas pela "vontade" de ler, sem imposição da escola, mas pela escolha, como seres conscientes, inspirados por professores e educadores e podem escolher seus próprios caminhos como futuros leitores. A leitura na infância é tão importante em razão das tendências naturais da idade, na qual o jovem tende a dramatizar a vida e as circunstâncias envolvidas nas mais variadas situações. As conclusões deste estudo nos levam a repensar a própria educação no País e as responsabilidades do educador, não como transmissor de conhecimentos, mas como orientador de aprendizagem e condutor de boas práticas como o hábito da leitura.

Palavras chave: Educação, Leitura, Literatura, Motivação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1 - A CRIANÇA E O LIVRO.....	09
1.1. Despertando o interesse pela leitura.....	10
CAPÍTULO 2 – FORMANDO LEITORES NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	14
2.1. A leitura inquieta, esclarece, elucida.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23

INTRODUÇÃO

Ao discutir informalmente os benefícios que a leitura bem trabalhada pode oferecer às crianças, pudemos perceber que sempre há um caminho para apoiar o ensino da leitura e quais os estímulos para torná-la prazerosa entre crianças do ensino fundamental I. Comentando alguns casos que presenciamos, em que a leitura é "ensinada com formalidade", descobrimos que isto é muito frequente nas escolas até hoje, e que, em geral, se trabalha a matéria "leitura" sem nenhum objetivo específico, o que torna o ato de ler pouco interessante para a maioria dos alunos que se limitam a decorar textos e a juntar letras ou palavras, sem buscar o sentido das mesmas.

Optamos então por um tema que nos auxiliasse a "formar leitores", oferecendo às crianças uma percepção do quanto é fantástico o mundo das letras, da imaginação, da criatividade, da fantasia e da comunicação.

A leitura deve ser estimulada desde os primeiros anos de vida do indivíduo. A família é responsável pelo primeiro estímulo para que a leitura se faça um hábito. Quando isso não ocorre, a escola torna-se responsável por essa ação.

O grande desafio do educador é incentivar e criar no aluno o gosto e hábito pela leitura. Cabe ao professor buscar ferramentas que possibilitem este acesso. A princípio com livros infantis, depois jornais, revistas e artigos de internet. Quando o aluno entender que a leitura é importante para seu dia-a-dia, aí sim poderemos trabalhar de maneira assídua a leitura com diferentes metodologias, dependendo da faixa etária.

A grande dificuldade é mostrar ao aluno e, também, à família o quanto a leitura é fundamental no processo de aprendizagem, no enriquecimento de vocabulário, no conhecimento, e a partir daí trazer para o cotidiano da criança este conceito.

Surgem então algumas questões: Como formar leitores? O que precisamos fazer, como educadores, e como fazê-lo? Como tornar prazerosa a leitura na vida da maioria dos alunos?

Acreditamos que a responsabilidade de formar bons leitores é do educador. Através de seus primeiros professores os alunos tomarão gosto pela leitura (ou não). O resultado dessa primeira impressão será o alicerce para uma vida acadêmica mais proveitosa e uma inserção social mais satisfatória. Nossa sociedade busca pessoas cada vez mais atuantes, pró-ativas. A boa leitura facilita o conhecimento e estimula as mudanças de postura favoráveis para a formação de uma sociedade mais justa. Nós, componentes do grupo autor desta pesquisa, acreditamos que a melhor justificativa para a escolha do nosso tema é o fato de que a leitura abre horizontes e alicerça toda a educação.

O objetivo geral deste estudo é encontrar caminhos para despertar o interesse pela leitura em criança no início da escolarização. Especificamente, identificar métodos e meios que estimulem o prazer de ler nas crianças.

Como metodologia, utilizamos: levantamento bibliográfico e textos de apoio sobre incentivo à leitura.

A pesquisa será fundamentada em obras de pensadores que falam sobre o assunto como: Paulo Freire, Rubem Alves, Magda Soares, Marisa Lajolo, Regina Zilberman e Maria Alexandre de Oliveira. Também serão apresentados textos de apoio com indicadores de instrumentos que estimulam o prazer de ler.

CAPÍTULO 1 - A CRIANÇA E O LIVRO

É importante frisar, como faz Almeida Pinto (2003), que crianças, em geral, gostam de ler e, nessa fase da vida (infância), o que estão lendo não é o mais

importante, pois ao ler uma história em quadrinhos, um conto de fadas ou mesmo um gibi elas estão começando a criar um hábito que fará delas adultos melhores. Ele afirma também que "crianças adoram ler" e, para melhor ilustrar o que diz, cita alguns personagens importantes na literatura brasileira que "querem tirar do Brasil o desconfortável rótulo de ser um país que lê pouco:" (p.1)

(...) o escritor Ziraldo defende que ler é mais importante do que estudar. A escritora Vivina de Assis Viana sonha misturar livros aos brinquedos da criança desde o primeiro choro na maternidade. O escritor João Ubaldo Ribeiro lembra que seu pai proibia os filhos de entrar em sua biblioteca – mas sempre esquecia a porta aberta. O prazer pelo proibido, o gosto pela transgressão, aguçava a curiosidade das crianças. Aos doze anos, João Ubaldo já havia lido uma infinidade de livros.

Reforça-se, a partir da ideia central daquele texto, que ler é uma das mais importantes atividades do ser humano. Quem lê tem maior capacidade de desenvolver a linguagem, despertar a criatividade, o gosto pela escrita e interagir com o mundo. A criança que tem o hábito de ler precisa estudar muito menos para aprender muito mais, porque durante a leitura espontânea ela absorve, imediatamente, a ideia das coisas, aprende de uma forma efetiva o que muitos anos de leitura imposta não poderia ensinar. O autor esclarece que os novos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino fundamental são importantes para os educadores e também para os profissionais ligados à literatura infantil e juvenil, incluindo os editores, porque ressaltam esse aspecto da formação, ou seja, atribuem a todos e a cada um a tarefa de incutir hábitos de leitura. "Os PCN's trazem a leitura como foco central. A proposta é ter na leitura uma operação diária, que desenvolva em caráter gradativo e se estenda em todas as matérias." (ALMEIDA PINTO, 2003, p.2)

Para Soares (1993), muito mais importante que disponibilizar material de leitura, ou alfabetizar, é ensinar a compreender textos lidos e criar o hábito para que o indivíduo (a criança no caso) possa decifrar os códigos implícitos nos textos

e criar um universo que permita entendimento e comparação. Assim, a leitura torna-se um dos instrumentos de que a sociedade lança mão (por meio da escola como instrumento privilegiado) para compor seus indivíduos tanto intelectual quanto ideologicamente.

1.1. Despertando o interesse pela leitura

Segundo Canavarros (1984), ensinar a ler é uma tarefa muito maior do que a simples alfabetização. O Professor, para ensinar a ler, precisa explicar (e fazer-se entender realmente) que num texto, além das palavras, estão as ideias. Cabe ao professor, desde os primeiros passos do aluno nesse sentido, mostrar que a leitura consiste, principalmente, em extrair informações que estão contidas nos textos, seja na superfície ou em nível mais profundo.

Segundo essa postura, a leitura deve ser sempre, e antes de tudo, o estudo do texto, para identificar a tese defendida no mesmo; os argumentos apresentados em favor da tese defendida; os contra-argumentos levantados as teses contrárias; coerência entre tese e argumentos. A autora também concorda que o texto pode ser pretexto (para dramatização, ilustrações etc). Isso tudo se pode ensinar e explicar, mas há algo que requer muitos argumentos e maior sofisticação por parte do professor: trata-se da "fruição do texto" em que se mostra que é possível e prazeroso "ler" gratuitamente. Para isso, deve haver meios de se recuperar o prazer à leitura nas aulas de Língua Portuguesa, respeitando o caminho do leitor; propiciar aulas cujo tema é o próprio livro; e, finalmente, proporcionar um maior número de leituras, pois a quantidade, principalmente no início da aprendizagem, ainda pode gerar qualidade.

Geraldi (1984) espera que haja uma interlocução honesta com os possíveis leitores. Contradizendo pelo menos um dos pontos destacados até aqui, a obra de

Marisa Lajolo (1986), "O Texto não é Pretexto", procura explicar porque um texto não é pretexto para nada, ou melhor, a autora diz que um texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que escreve e o que lê; o escritor e o leitor, reunidos pelo ato radicalmente solitário da leitura, contrapartida do igualmente solitário ato de escrever. Lajolo diz que, na escola, o texto cumpre várias funções: de objeto de estudo, entendimento de contextos, de análise. No entanto, ela ressalta que não se privilegia, no texto, a relação autor-leitor; mesmo que nesta relação esteja incluída a figura do professor que é, também, um leitor, mais amadurecido (pela intimidade com vários textos), mas um leitor privilegiado.

A autora ainda afirma que se a relação do professor com o texto não tiver significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas.

Lajolo acredita que um primeiro requisito para que o contato aluno/texto seja o menos doloroso possível é: que o mestre não seja um mau leitor; que goste de ler e pratique a leitura; que saiba lidar com as preferências dos alunos e com as suas; que seja flexível aos textos propostos pelo livro didático; que seja uma pessoa que questione a objetividade das mensagens contidas nos textos dos livros didáticos; que se posicione perante os textos exemplares de virtudes, vícios e comemorações cívicas, trabalhando outros conteúdos ligados ao texto e afastar para segundo plano a carga diretiva imposta nos textos; que saiba ultrapassar tanto a noção de que leitura é aumento de vocabulário, a fim de que não se trabalhe sinônimos com noção absurda de que há palavras melhores (as de ocorrência mais raras) e piores (as de ocorrência diárias); que não passe a noção

aos alunos de que um texto só é bom quando é incompreensível, no entanto precisa-se dizer que o texto bom é necessariamente complexo (maturidade do leitor).

A autora afirma que a escola é o espaço no qual o aluno irá amadurecendo a sua condição de leitor, mas, para isso, deve abolir certos preconceitos que vão desde as notícias de jornal até o contato com o texto literário. A escola deve repensar os exercícios de compreensão de texto que desconfiam da capacidade de entendimento do aluno, pois, como ela própria afirma:

Ler não é decifrar como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (Lajolo: 1986:59).

A respeito dos textos literários, a mesma autora diz, com ironia, o que se espera, atualmente, do curso de literatura "é que ele transforme os alunos em Sherlocks competentes na caça e identificação de estigmas românticos ou realistas". Ou seja, dentro da própria escola se espera que o aluno interprete os textos a partir da sua criatividade, sem dar a ele elementos de base (por isso Sherlocks - detetives, que descobrem por adivinhação).

A partir dessa interpretação ela propõe o que considera mais viável: explicar para os alunos o artificialismo desta dinâmica escolar. Se houver condições, mostrar os limites da exemplaridade de qualquer texto como protótipo de uma modalidade ou figurino da produção literária; contextualizar o texto, quando fragmento, na obra integral; discutir como os traços tidos como fortes num determinado fragmento se contradizem ou se atenuam quando vistos de uma perspectiva mais ampla. O importante, diz a autora, é que haja sentido.

O que Lajolo quer dizer, em resumo, é que, para incutir o hábito de ler, o professor, principalmente nos primeiros contatos do aluno com os textos, deve ensinar o aluno a "ver" nos livros e nos textos mais que as palavras, a aprendizagem da língua e da gramática, o que representam na vida das pessoas, trazendo ideias, ambientes, culturas; um texto pode ser um mundo se o leitor aprende a interagir com ele, colocando a seu serviço a própria imaginação.

Já Silva (1987) traz elementos indispensáveis para que se possa compreender como ensinar a ler e incutir o hábito da leitura. Um dos destaques no capítulo inicial de sua obra diz que:

(...) dentro da instituição escola, a leitura é constantemente requisitada por professores de todas as áreas, porém a responsabilidade somente é deixada aos alfabetizadores e aos professores de comunicação e expressão. E ainda, dentro da instituição escola – como formadora de profissionais – na área de Metodologia da leitura, o assunto parece se resumir em diferentes métodos de alfabetização em que são treinados os futuros professores de 1º grau. (SILVA,1987,p.16)

Fora da escola, conforme Silva, existem autoridades educacionais que, na tentativa de isentar-se diante dos problemas que cercam a alfabetização no Brasil, frequentemente "baixam recomendações de incentivos ao hábito da leitura". Mas, segundo o texto de Silva, esse ato é inútil porque não há entrelinhas ou subtópicos corretos nas recomendações. Assim, os incentivos ao hábito de leitura, em muitas escolas, limitam-se à imposição (por parte dos professores) e à aceitação passiva (por parte dos alunos) de ler determinado volume de textos por período (por exemplo, uma aula de leitura duas vezes por semana, um livro por mês, a ser retirado da biblioteca da escola).

CAPÍTULO 2 – FORMANDO LEITORES NO ENSINO FUNDAMENTAL

“De certa maneira, todo texto literário é um estrangeiro que visita nossa alma. E nos traz, de presente, palavras novas que nos revelam a nossos próprios

olhos”.
(Rosa Amanda Strausz)

De acordo com Silva (1981), para formar leitores e criar o hábito da leitura seria indispensável que as escolas e as famílias brasileiras facilitassem o acesso ao livro. O autor explica alguns dos obstáculos mais constantes para que o hábito da leitura seja mais contínuo no País:

(...) a maioria das escolas não possuem bibliotecas, e, aquelas que possuem são geralmente mal utilizadas, pois inexiste renovação de acervo, não há bibliotecários formados em escolas oficiais, os locais são inapropriados; (...) o preço de livros geralmente está muito além das possibilidades econômicas dos alunos; (...) o mercado do livro didático nem sempre oferece o que há de melhor; (...) não são todos os professores que sabem orientar adequadamente a leitura. (1981, p.45)

Silva (1981) entende a leitura como uma forma de encontro entre a realidade sociocultural e a vivência do leitor. Assim, segundo o mesmo autor, "o livro (ou qualquer outro material escrito) é sempre uma emersão do homem no processo histórico, é sempre a encarnação de intencionalidade e, por isso mesmo, sempre reflete o humano" (p.42)

O ensino da leitura é fundamental na educação, pois envolve, além da aprendizagem das letras e dos vocábulos, a compreensão crítica do texto. O ato de ler não é somente a decodificação das palavras escritas, mas se alonga em um processo de leitura do mundo.

2.1. A leitura inquieta, esclarece, elucida

As palavras destacadas no início desta página foram escritas ao final de um pequeno artigo da autora¹. Elas foram escolhidas por encerrarem uma verdade

¹ STRAUS, Rosa Amanda. Do Outro Lado da Página tem um Leitor. Artigo disponível em http://www.asadapalavra.com.br/artigos_006.asp, Acesso em 12.04.2009

que, possivelmente, não poderia ser mais bem definida quando se tenta entender o que é um texto e a importância da leitura.

Tais palavras podem nos fornecer elementos para ensinar alunos de todas as séries a "gostar de ler", pois, com base no que essa autora escreveu, podemos imaginar muitas coisas para "convencer" uma criança ou um adolescente sobre a importância de ler, levando-os a compreender que a melhor parte de um livro está em quem o lê. Nossa imaginação preenche os textos que lemos com a melhor parte dele, ou seja, um livro é apenas um caminho, a paisagem quem produz é o leitor.

Conforme nos ensina Paulo Freire, a leitura do mundo (anterior à leitura da palavra), é que vai indicar o caminho para se gostar de ler e, principalmente, para se aprender a gostar de ler. Conforme Paulo Freire (2001), o alfabetizador deve encontrar meios de associar o mundo do alfabetizando com as palavras que ensina para serem escritas e conseqüentemente lidas.

Rubem Alves (2008) afirma que algumas coisas não se podem ensinar e destaca: "Não se pode ensinar o prazer da leitura com aulas sobre as ciências da linguagem. O conhecimento da gramática e das ciências da interpretação não faz poetas. Noel Rosa sabia disso e cantou: 'Samba não se aprende no colégio'". Ou seja, os professores têm o dever de despertar nos alunos, leitores em potencial, a curiosidade pelo texto, estimulando a busca desse prazer que não pode ser ensinado.

Segundo Rubem Alves, "cada poema tem um andamento que lhe é próprio" e pode-se acrescentar aqui que cada texto tem um andamento. O autor também compara a poesia com a música, explicando que é preciso tocar segundo as notas e segundo o tempo das notas para que a música tenha sentido, seja ouvida com prazer. Essa associação da leitura com a música facilita a compreensão do que seja um texto para se gostar de ler. Pode-se dizer, a partir de tudo isto, que o encanto do texto está na forma como ele é apresentado. Cada texto pode ser interpretado por diferentes leitores de forma diferente. Disso vem a dedução de que a leitura pode ser ensinada, não como simples compreensão das palavras, mas como um universo inteiro de coisas que cada palavra representa. Ainda, no mesmo artigo, o autor

afirma:

Há textos que devem ser lidos ao ritmo de uma criança pulando corda e dando risadas. Como o poema "Leilão de Jardim", de Cecília Meireles: "Quem me compra um jardim com flores? Borboletas de muitas cores, lavadeiras e passarinhos, ovos verdes e azuis nos ninhos?". O poema inteiro é marcado por essa alegria infantil, saltitante. Quando se passa para a sua "Elegia", escrita para a sua avó morta, o clima é outro. Há uma tristeza profunda. Há de se ler lentamente, com sofrimento: "Minha primeira lágrima caiu dentro dos teus olhos. Tive medo de a enxugar: para não saberes que tinha caído. (ALVES: 2008).

Quando se lê o texto acima, pode-se, como ele, "sentir" a vibração das emoções e compreender a comparação da palavra escrita com a música, pois elas também têm tempo, ritmo, notas e ambiente para existir. É desse tipo de leitura que devemos buscar nossa inspiração, para repassar ao aluno a possível "melodia" das palavras, a profundidade dos sentimentos que um texto pode conter.

Houve beleza e mistério porque eu não me meti a interpretar o poema. E, no entanto, a interpretação de textos parece ser uma das obsessões dos programas escolares. Se o meu propósito fosse interpretar o poema de Frost, para aproveitar o tempo, eu o teria lido um pouco mais depressa, teria desprezado o silêncio e não teria repetido a leitura. (ALVES: 2008)

A partir de ideias como estas, pode-se, realmente, afirmar que "A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira." (Oliveira:1996, p.27)

Considerando alguns autores especiais, como os já citados, sem esquecer Luzia de Maria², para quem "ler é ser questionado pelo mundo e por si mesmo" (2002, p.21), pode-se dizer que a leitura pode ser apresentada aos aprendizes como uma "porta" aberta para um mundo mágico, onde tudo pode ser encontrado, a qualquer hora, em qualquer lugar. Ou seja, "um texto é plurissignificativo e

² MARIA, Luzia de. Leitura & Colheita. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

cada pessoa atualiza parte de suas possibilidades” (idem, p.22). Segundo ela apregoa, o texto vai significar, para cada leitor, aquilo que sua vivência permite interpretar e traduzir.

Soares (2001) nos ensina que a leitura não deve ser vista como um ato solitário, que afasta o leitor do mundo ou o mundo do leitor. Ela afirma que leitura deve ser olhada "de fora", do ponto de vista social: a questão das condições sociais de "acesso a leitura" e a questão das condições sociais de "produção da leitura".

É importante buscar “formas” de “saber ler”. Marisa Lajolo³ chama a nossa atenção para um fato:

(...) a literatura vai bem, obrigada, está vivinha da silva, e até manda lembranças... Mas ela mudou. Mudou muito. Mudou de cara, de endereço e até de família. E tem quem não a reconheça no novo endereço, tem quem desfaça da parentela que veio de longe. (LAJOLO: 2001, p7-8).

O que a autora está querendo dizer é que a literatura pode ter ganhado “cara nova”, mas está em toda parte. Para saber ler, portanto, basta estar atento, descobrir a palavra e a história em cada veículo. Há hoje livros diferentes para gostos variados. Lajolo (2001) ainda ressalta que diferente não é necessariamente pior, que literatura é aquilo que consideramos como tal. Que as ideias escritas por alguém que tenha algo a dizer, mesmo que não tenha padrões sofisticados, não agrade aos intelectuais mais exigentes, ainda assim é literatura.

Se formos buscar na memória, nós (qualquer adulto com uma cultura apenas razoável) vamos nos lembrar do que lemos, do que aprendemos lendo e “como aprendemos” a ler. Quantos fatos marcantes foram assimilados até sem

³ LAJOLO, Marisa Leitores e Leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

saber.

Para saber ler é preciso Ler! E o professor tem o papel crucial de ensinar mais que as letras. Explicar ao aluno que lendo se aprende, e que não basta vigiar se um autor usou 'corretamente pronome oblíquo ou crase, ou qualquer sinal gráfico, restringindo a prática da leitura nas linhas do texto, mas, principalmente, mostrar aos alunos como os textos são construídos para dar forma às ideias.

Magda Soares⁴ enfatiza o valor da prática de leitura apresentando-a, não como uma forma passiva de aceitação daquele que lê, mas

(...) como construção ativa; é no processo de interação desencadeado pela leitura que o texto se constituiu (...): Cada leitura é nova escrita de um texto. O ato de criação não estaria assim, na escrita, mas na leitura, o verdadeiro produtor não seria o autor mas o leitor. O leitor, na medida em que lê, se constituiu, se representa, se identifica. A questão da compreensão não é só do nível de informação. Faz entrar em conta o processo de interação, a ideologia. (SOARES :1993, p. 01)

Segundo Foucambert⁵ (1994), antes de qualquer outra medida, ao preparar os alunos para a leitura, é preciso ensinar a diferença entre ler palavras, compreender símbolos gráficos e “saber” ler, aproveitando a leitura para construir saberes e entender o mundo.

Todos sabem que há diferença entre ver e olhar, ouvir e escutar... Ler não é apenas passar os olhos por algo escrito, não é fazer a versão oral de um escrito. Quem ousaria dizer que sabe ler latim só porque é capaz de pronunciar frases escritas naquela língua? (FOUCAMBERT, 1994, p.05)

Luzia de Maria (2002, p. 46) diz que:

Quando à criança, em processo de aprendizado da leitura, é proposto o

⁴ SOARES, Magda Becker. *As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

⁵ Foucambert. J. *A leitura em questão*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

desafio de escrever, sua 'resposta' é capaz de surpreender os adultos, pois ela pode demonstrar um conhecimento da escrita que não se supunha que ela alcançasse. Mais adiante, ao se sentir 'alguém que escreve', ao se sentir 'comunicando com alguém', 'interferindo na realidade com seu texto' (...) Seu poder de observação acerca da realidade será de outro nível.

A autora ainda afirma que: "qualquer que seja o modo como a escola 'alfabetize' (...) a escola deve criar oportunidade para que a criança escreva e não apenas copie (...)". Ou seja, é preciso que o aprendiz domine a linguagem desde os primeiros anos como leitor, e essa postura tem uma conotação mais ampla de educação, pois o domínio da linguagem por parte dos desfavorecidos, por exemplo, serve para dominar os mesmos instrumentos de poder dos dominantes; é uma forma de acesso para o rompimento deste poder. Assim, acentua-se a importância do professor que estuda e pesquisa sobre o significado do ato de ler, interpretando as diversas questões que surgem em torno da leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca pelo entendimento da importância da leitura, buscamos palavras de efeito para sintetizar a prática do ensino da leitura. Um dos autores citados avisa: "Do Outro Lado da Página tem um Leitor". Essa advertência estimula e desencadeia inúmeros pensamentos e conclusões sobre como estimular a leitura. Esse estímulo conduziu-nos à ideia de que produzir ou sugerir leitura para esses seres inquietos e questionadores exige cuidadosa observação do universo literário e também do jovem a quem pretendemos ensinar o gosto pela leitura. É importante imaginar que esse leitor, "que estará do outro lado da página", é inexperiente, inseguro, ávido e que, mesmo assim, vai ajudar a construir o texto que está lendo.

Esta pesquisa reafirma o fato que é o leitor (e sua orientação para a leitura) quem vai dar vida aos personagens, colorir paisagens e completar com sua imaginação (mais poderosa que qualquer texto) as sugestões que o texto lhe dará.

A importância de leitura para os jovens é evidente, nem precisa ser discutida. O que este estudo abordou, na verdade, foi a importância de inculcar o hábito da leitura nesses jovens. Os jovens de hoje, essas mentes em formação, rodeadas pela tecnologia e pela facilidade da Internet, do Orkut, do msn, vêem a obrigação de resumir um livro como uma tortura, já que a realidade do nosso País implica em muita gente "escapando" da leitura, pedindo para "copiar diferente" o que um colega fez. Ou seja, o professor que "obriga a ler" não está estimulando a leitura, mas, pelo contrário, está estimulando a fraude e aumentando a aversão por ela.

Se o professor não tiver o cuidado de passar, junto com a obrigação de ler, o prazer que um livro pode proporcionar, pode perder muitos leitores "para sempre". O que o professor e os adultos, em geral, devem fazer para estimular a leitura não tem nada a ver com obrigação. É preciso despertar o interesse e a curiosidade, indicar livros que correspondam à realidade do jovem.

Nesse mundo moderno, onde o tempo virou artigo de luxo, o livro pode, com superioridade, preencher o espaço da avó contadora de histórias. No entanto, o livro só "conta" a quem o procure. Por isso, o primeiro papel da escola é "ensinar o caminho" para que as crianças procurem o livro, solidificando a função social da Leitura e da Escrita na escola, para difundir e distribuir o conhecimento das matérias obrigatórias (português, matemática, ciências) e também de tantos outros necessários à vida em sociedade, ressaltando que o leitor poderá ter inúmeros diálogos com o mundo através dos inúmeros livros que vier a ler e compreender.

As conclusões que tiramos desta monografia e dos autores consultados para realizá-la vão todas ao encontro da proposta inicial, ou seja, como podemos encontrar caminhos que indiquem como despertar o interesse pela leitura desde o ensino fundamental, e como "ensinar o prazer" de ler fazendo que o jovem compreenda a importância da leitura na sua formação e na sua vida?

À medida que se vai elaborando um trabalho como esta monografia (re) aprende-se a ler, lendo com método, fazendo anotações e buscando esclarecimentos a cada parágrafo do texto lido. Essa busca nos mostra que do outro lado da página estamos nós, os leitores, e somos parte do texto porque o que lemos se completa através de nossos conhecimentos. É isso que encontramos como "caminho" para estimular a leitura nos jovens que encaram a aprendizagem formal como obrigação desagradável.

Parece possível, a partir do que foi compilado aqui como bibliografia, que quanto mais pudermos nos mostrar familiarizados com os livros, tirando deles nossas explicações e nossas justificativas para os alunos, estes poderão perceber a importância de ler e aprender por meio dos livros. Compreenderão que não é apenas o livro didático (por vezes considerado "chato") o único material proposto para lerem. Compreenderão a disponibilidade e a oportunidade de escolha, a opção de encontrar, num universo quase infinito de obras e autores, respostas para suas dúvidas, esclarecimento sobre coisas interessantes, motivos para sonhar e fontes de novos interesses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1997.

LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (org). **Leitura em Crise na Escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p. 51-62.

MARIA, L. de. **Leitura e colheita**: livros, leitura e formação de leitores. São Pulo: Vozes, 2002.

SILVA, Ezequiel T. da. e ZILBERMAN, Regina. Pedagogia da Leitura: Movimento e História. Série Fundamentos. In: **Leitura**: Perspectiva Interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1988.

SILVA, Ezequiel T. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez - Autores Associados, 1981

OLIVEIRA, M. A. e. **Leitura Prazer** - Interação participativa da criança com a literatura infantil na escola. São Paulo: Paulinas, 1996

PALMA, M. L. C. Rev. Produção de Textos. **Leitura**: Teoria e Prática, n.17 Campinas: 10-21, jul. 1984.

SOARES, M. B. **As condições sociais da leitura**: uma reflexão em contraponto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ZILBERMAN, R. (org). **Leitura em Crise na Escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

WEBGRAFIA

ALVES, Rubem. **Como ensinar o prazer de ler**. Crônica publicada na Folha de S.Paulo. disponível na Internet em < <http://www.rubemalves.com.br/>> Acesso em: 26 maio 2009.

ALMEIDA PINTO, W. **Eu Leio e você?** Artigo disponível em <http://www.gargantadaserpente.com/artigos/welington_almeida3.shtml>. Acesso em: 29 out. 2008.

STRAUSZ, R. A. **Do Outro Lado da Página Tem Um Leitor**. Disponível em <<http://www.asadapalavra.com.br/artigos.php?acao=visualizar&id=10>>. Acesso em: 17 set. 2008.